

Entrevista

# Deus é sempre uma pergunta

Por António Marujo

O que deve motivar a busca humana não é uma religião, mas o que está para além dela: o mistério de Deus, de que ninguém sabe falar. A professora de literatura que integra o movimento de mulheres católicas Graal diz que a Igreja deveria dar prioridade a uma grande mudança de vida

"Será que as mulheres não poderão trazer um discurso mais próximo do que já foi teologia feita por homens, que é a teologia negativa, identificada no século VII?" Isabel Allegro de Magalhães estudou Teologia, em Espanha, mas diz que "não é o saber mais Teologia que pode mudar a nossa vida. O que nos muda é uma acção interior de abertura ao espírito" Dario Cruz

Crítica para com atitudes institucionais da Igreja, Isabel Allegro de Magalhães diz que, se aquela tivesse outras prioridades, não haveria pobreza. Enquanto o discurso se centra em temas como o aborto ou o preservativo, há "pessoas a morrer, pessoas vivas". O pretexto para a conversa é o livro *Para Lá das Religiões* (Chiado Editora), que esta professora na Universidade Nova de Lisboa acaba de publicar. Nele, reúne vários ensaios sobre arte, cultura, teologia, espiritualidade e política. Maria de Lourdes Pintasilgo, Natália Correia ou Santa Teresa d'Ávila são alguns dos nomes de mulheres sobre os quais se debruça, a par de questões como o pluralismo religioso, a teologia no feminino, a ética ou a economia.

O título do livro é uma provocação? As religiões já não satisfazem a busca das pessoas e é necessário ir além delas?

Não tem essa intenção, é para fazer pensar. As religiões, pela história, ganharam um lastro institucional tão forte que, muitas vezes, desvirtuam a fonte, a motivação de origem.

Quando se pensa no Vaticano e em Jesus Cristo, aclamado rei em cima de um jumento, há uma distância imensa. Sabemos quais são as razões. Mas há que olhar para as religiões não como um fim em si mesmas - e por isso se lhes desculpa essa carga histórica e esse desvirtuamento em relação à origem: o que nos motiva não é uma religião, é o que está para além dela, é o mistério de Deus, de que ninguém sabe falar, nem mesmo as religiões, apesar de todas as revelações.

Diz que elas são manifestações plurais de uma busca elementar. Significa que todas se equivalem?

Cada um de nós não diz facilmente que todas se equivalem porque, do seu ponto de vista, a religião e cultura em que está inserido lhe diz mais. As pessoas não se salvam passando de uma religião para a outra, mas vivendo a fundo a sua. Há muitos teólogos cristãos - [Edward] Schillebeeckx, [Raimon] Panikkar, [Andrés] Torres Queiruga - que dizem isto clarissimamente: todas as religiões são caminhos bons, legítimos, para as culturas em que nascem. Um monge budista dizia-me uma vez: para vocês, ocidentais, não há caminho religioso que não passe pelo cristianismo.

Mesmo havendo ocidentais convertidos ao budismo, por exemplo?

Sim, apesar desses casos, estou convencida de que entre religião e cultura há uma ligação, do ponto de vista da concepção do ser humano, da história, do tempo. As religiões inscrevem-se numa língua e numa cultura. É difícil uma pessoa de língua e cultura europeia fazer a sua procura religiosa totalmente desligada da história do judeo-cristianismo e da influência grega e árabe na cultura europeia.

Todas as religiões são fortemente marcadas pelas culturas em que nascem. Depois, ultrapassam-nas, transcendem-nas, mas são marcadas por elas. Nesse sentido, para as pessoas que as praticam, é possível dizer que todas se equivalem. Se imaginarmos que chegamos ao céu, seja o que isso for, para cada um o caminho feito é que é fundamental. Porque Deus é o mesmo, não se pode conceber que há vários deuses.

Como se faz a destriça da aproximação entre crentes de diferentes religiões e o que alguns chamam relativismo?

Quanto mais funda é a raiz de cada pessoa ou grupo religioso, mais fácil é o diálogo. Não é possível um diálogo inter-religioso em que cada religião não é ela própria. É na profundidade de uma que se pode encontrar a profundidade da outra. É a raiz funda da tradição e a inserção nessa história que permite o diálogo com outra tradição e outra história.

Muitas vezes, os diálogos são banais porque ninguém está muito dentro da própria cultura. Vejo pessoas entusiasmadas com coisas da *new age*, por exemplo, que se encontram no cristianismo da origem. É ridículo entusiasmar-se com dados da Psicanálise ou com o silêncio, que já os padres do deserto [místicos cristãos dos primeiros séculos] viveram, como se não existisse isso no cristianismo. Mas há culpa [da Igreja] - e situo-me de dentro, como cristã, ao dizer isto - em não manifestar o melhor do cristianismo.

Ao lermos o primeiro ensaio do livro, ficamos com a sensação de que, afinal, Deus está presente na literatura portuguesa de um modo que não imaginávamos.

É verdade, mas está como pergunta, não com a preocupação de traduzir isso na vida. Deus é sempre uma pergunta. É a grande pergunta de toda a Filosofia, da grande literatura: o que há para além disto? É a frase de Fernando Pessoa, n" *O Livro do Desassossego*: "Deus é nós existirmos e isso não ser tudo." É a grande pergunta humana, incluindo de agnósticos e mesmo de ateus. A literatura e as artes expressam muito isso.

Há um desassossego dos artistas e dos criadores perante a questão.

A arte é o que, como linguagem simbólica, mais se aproxima do religioso, por causa do simbólico, da tentativa de criar outros mundos possíveis, de dar forma à interrogação sobre o que é viver. É o que vai mais fundo. Também a indagação científica, em muitos casos. Já ouvi um cientista dizer que o facto de se pesquisar o mundo físico ou os micro-universos leva a encontrar-se com a pergunta sobre Deus. Quer a ciência, quer as várias artes não são o religioso, mas apontam para ele. Falo da grande arte, que nos pode até destroçar, mas que nos puxa para lá do quotidiano.

Foi essa busca que também a levou a este trabalho?

Mesmo antes de trabalhar estas áreas, a interrogação e a questão do sentido, do mistério e de Deus foi sempre a primeira. Seja a arte, o ensino, o Graal, a política, no cerne de tudo e o que eu quero que mova tudo é a questão de Deus, do sentido último, de fazer da vida um jardim. Ter uma presença, por insignificante que seja, mas que seja inteira.

Diz, a propósito das teologias feministas, que elas podem trazer uma nova respiração. Só se interessou por esse campo de investigação por ser mulher?

Estudei Teologia, em Espanha, para ter alguns fundamentos. Para mim, foi importante saber mais Teologia. Mas não adiantou para a fé, porque não é o saber mais Teologia que pode mudar a nossa vida. O que nos muda é uma acção interior de abertura ao espírito.

As teologias feministas nasceram no início dos anos 80, quando [a teóloga] Elisabeth Schüssler Fiorenza descobriu uma série de elementos truncados ou correcções na transmissão dos próprios textos, porque à Igreja, até por óptima intenção, parecia que era melhor para os crentes saber aquilo de outra maneira.

Isso foi uma atitude feminista: ver que elas estavam ausentes e poderiam ter tido - e com certeza tiveram - um papel muito mais importante do que o transmitido. Tal é importante, mas não é algo que me faça dar a vida por isso.

Outra coisa é: será que as mulheres não poderão trazer um discurso mais próximo do que já foi teologia feita por homens, que é a teologia negativa, identificada no século VII? A via negativa é essa consciência mística de que é muito ousado os seres humanos quererem dizer quem é Deus.

É impossível saber?

Mas quem é que sabe? A ideia de termos esse espanto, essa abertura, essa intuição, seria o grande contributo que as mulheres que escrevam sobre Deus poderiam trazer, recuperando esse fio que está lá atrás na história da Igreja e que todos os místicos agarraram. Rachel Donders, que fez parte do Graal e viveu em contemplação os últimos anos da sua vida, dizia: "Quanto mais me aproximo do fim, mais consciência tenho de que não sei nada de Deus."

Isso motiva-me muitíssimo e fico desesperada quando vejo alguns padres, teólogos ou não, tentarem explicar aos crentes quem é o Deus do cristianismo. E penso: não seria outra coisa? Criar esse espanto, esse podermos cair de joelhos ou em pé, diante do que nos chama mas que não sabemos nomear...

Esse seria então um objectivo da teologia feminista?

Eu diria no feminino, o que irrita algumas teólogas feministas. Feminismo é defesa dos direitos, é descobrir que as mulheres não estão lá... Isso tudo é preciso, eu apoio e assino. Mas interessa-me outra linguagem, que existe e as mulheres - e muitos homens - trouxeram. Há uma afinidade entre os místicos, homens e mulheres, e estas mulheres que escrevem hoje ou podem vir a escrever de outra maneira.

Quando fala de Santa Teresa d'Ávila em vários ensaios, é para dizer que há um lado feminino

que a Igreja e o cristianismo institucional esconderam ou omitiram?

É por ser quem ela é. Li toda a obra dela e fiquei fascinada com aquela mulher e o que ela foi de revolucionário e subversivo, mesmo relativamente à instituição. Porque lhe mandavam fazer coisas e ela dizia: "Coitados, eles não sabem, porque não rezam."

Tal como Hildegarda de Bingen ou Juliana de Norwich...

Sim, e muitas outras... No século XVI, com tantos problemas, Teresa d'Ávila revolucionou os mosteiros. É fascinante ver como ela mudou as leis, no sentido evangélico, de igualdade entre pessoas, de não fazer acepção entre ricos e pobres, cristãos ou conversas... É uma mulher de acção e de fé que, ao mesmo tempo, vive o espanto e a incerteza. Ela tem uma certeza de Deus e, ao mesmo tempo, diz: não sei...

E Maria de Lourdes Pintasilgo, de quem fala em outro ensaio? É também uma mulher de espanto, de fé e acção?

Penso que sim. Na Maria de Lourdes houve uma articulação muito profunda entre a fé que a motivou - é uma convertida, tem o ardor de militante - e a política, em que foi entrando. A razão para ela estar na política é uma razão cristã, não tenho dúvidas.

É o que Miguel Portas escreveu quando ela morreu: ela chegou à esquerda por causa da sua busca cristã?

Sim, se não fosse isso, ela poderia ser de direita, vinha de uma família [dessa área]. A percepção que tinha do evangelho, os escritos teológicos e de reflexão sobre a fé, como o livro *Imaginar a Igreja*, traduzem uma visão que a leva ao compromisso político. E viveu com aquela angústia horrível de a Igreja a rejeitar e achar que era uma ovelha perdida...

Diz quase que ela é a primeira teóloga feminista, ao antecipar-se ao livro de Elisabeth Schüssler Fiorenza.

Sim, ela publicou um artigo em 1980 e depois, o livro *Os Novos Feminismos*, que toda a gente esqueceu. Foi muito mal-amada em Portugal, pouco reconhecida.

Quando evoca, a propósito dela e de outras pessoas, a subversão e a solicitude, é para dizer que deveriam ser essas as atitudes fundamentais da intervenção política dos cristãos?

Sim. O cuidado sem subversão deixa tudo na mesma. É o que está a [fazer-se] com os pobres que estão a surgir: cuidado e solicitude. Mas subversão, não. Alfredo Bruto da Costa disse, muito antes desta crise, que, se todos os cristãos mudassem de atitude, não haveria pobreza em Portugal. Diz-se que a crise é um processo espiritual bom e uma oportunidade de mudança. Claro que sim. Mas ela é dramática para algumas pessoas!

São João, para mim, é fortíssimo quando diz que não se pode amar a Deus, que ninguém viu, quando não se ama o irmão, que se vê. Como é possível amar a Deus sem um compromisso histórico, político, sem um cuidado com os outros? Os próprios documentos do Concílio Vaticano II [1962-65] disseram muito isso, mas estão tão esquecidos! E antes do concílio já [o teólogo Yves] Congar falava da articulação de cristãos, comunistas, ateus, crentes de outras religiões, no sentido de pensar como criar um mundo melhor, tornar eficaz a fé, no sentido de uma sociedade mais fraterna. Não se fala disso. Mesmo no que se diz sobre a crise, é espiritualizado de mais.

Escreve que há uma espantosa frequência de referências à liberdade nos textos bíblicos. O cristianismo esqueceu essa dimensão?

Não, até a acentuou, de uma maneira extraordinária, que significou a afirmação do valor da pessoa e da liberdade individual - no Ocidente, isso deve-se ao cristianismo. Nenhum ateu pode negar isso.

Mesmo se depois a liberdade foi reivindicada contra o poder clerical?

Exactamente. O que acontece hoje em dia é que se dá ainda mais valor à liberdade, não para os outros, mas para si, muito mais do que a responsabilidade. [Emmanuel] Levinas, filósofo judeu, diz que o que é estruturante do humano é a responsabilidade, a minha resposta ao outro. Eu sou livre, mas primeiro está a afirmação da responsabilidade. Teilhard de Chardin, que Lourdes Pintasilgo citava muito, dizia que vimos todos de uma noosfera humana e cada um emerge depois. Estamos todos ligados antes de nos singularizarmos.

A liberdade está hoje ameaçada pelo poder financeiro?

Está tudo ameaçado pelo poder financeiro. O que está à vista é que a libertinagem de alguns, que nem sabemos quem são, está a espezinhar a maioria da humanidade. Há um fluxo financeiro que gera mais e mais pobreza em cada sociedade.

Há uma ameaça de uma grande mudança de civilização. De um ponto de vista religioso, cristão ou outro, podemos ver um lado positivo: acabará a sociedade de consumo, vamos viver todos com menos. Pode ser uma grande mudança. Já ouvi um jovem dizer: é extraordinário pensar que não precisamos de ter coisas, que vamos ter pouco. Olhei fascinada para ele, que estava entusiasmadíssimo porque vai ter pouco e vamos viver mais solidários. Isso é um aproveitamento excelente da crise, mas entretanto há os que estão à fome. Não podemos esquecer isso, entusiasmados com a mudança de civilização que aí vem.

Fala do *ethos* global e da procura de uma ética para a humanidade, mas muitas vezes esse discurso já não passa. O que falta para que as religiões possam ser escutadas de outra maneira?

Se, na Europa, a Igreja-instituição desse uma prioridade absoluta a essa mudança de vida - uma análise da crise que levasse mesmo à mudança - isso teria um efeito forte. Tenho dificuldade em ver que a Igreja se centre na micromoral, em como se fazem as relações sexuais, se se usa preservativo, se o aborto se deve fazer ou não... Entretanto, estão pessoas a morrer, pessoas vivas. E essas?...

Escreve que nem só de hierarquia vive a Igreja. Mas, pelos vistos, ainda não é assim...

Também é culpa dos leigos, mas por vezes é muito difícil criticar a hierarquia. Os místicos não são lidos nas igrejas. Sobre o cristianismo, eles têm uma visão muito livre. Não são pessoas gratas na Igreja, não são lidos. Quem lê Teresa d'Ávila, Hildegarda de Bingen ou o mestre Eckhart, que dizia "ó meu Deus, livrai-me de Deus" (quer dizer, da noção de Deus que se passa)?... Gostava que a Igreja fosse diferente. A História estragou bastante - Jesus é outra coisa.